



Universidade da Amazônia

# Poemas Malditos

de Álvares de Azevedo



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

## Poemas Malditos

de Álvares de Azevedo

*Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade da bela mulher a quem amamos. Cuidado, leitor, ao voltar esta página!*

ÁLVARES DE AZEVEDO

### PREFÁCIO

Cuidado leitor, ao voltar esta página!

Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de D. Quixote, onde Sancho é rei, e vivem Panúrgio, sir John Falstaff, Bardolph, Fígaro e o Sganarello de D. João Tenório I—a pátria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare.

Quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. É que a unidade deste livro funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdoem-me os poetas do tempo, isto aqui é um tema, senão mais novo, menos esgotado que o sentimentalismo tão fashionable desde Werther e René

Por um espírito de contradição, quando os homens se vêem inundados de páginas amorosas, preferem Um conto de Boccaccio, uma caricatura de Rabelais, uma cena de Falstaff no Henrique IV de Shakespeare, um provérbio fantástico daquele polisson, Alfred de Musset, a todas as ternuras elegíacas dessa poesia de arremedo que anda na moda, e reduz as mordas de ouro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisível até ao extremo, dos liliputianos poetastros.

Antes da Quaresma há o Carnaval.

Há uma crise nos séculos como nos homens. é quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo, e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de ouro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. Homo sum, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado Tem nervos, tem fibra e tem artérias—isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.

O que acontece? Na exaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda trêmula e ressoante da febre do sangue, a alma que ama e canta porque sua vida f' amor e canto, o que pode senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno pode ser erótico sem ser monótono. Digam e creiam o que quiserem. Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade formosa da bela mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos últimos crepúsculos do misticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia puríssima banha com seu reflexo ideal beleza sensível e nua.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo objetivo cores tão azuladas como o nome britânico de *blue devils*, descarna e injeta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos lábios onde suspirava a monodia amorosa, vem a sátira que morde.

É assim. Depois dos poemas éticos, Homero escreveu o poema irônico. Goethe depois de Werther criou o Faust. Depois de Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan—Don Juan que começa como Cain pelo amor, e acaba como ele pela descrença venenosa e sarcástica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado agora, meu leitor, como se não leses essas páginas, destinadas a não ser lidas. Deus me perdoe! assim é tudo! até os prefácios!

## UM CADÁVER DE POETA

*Levem ao túmulo aquele que parece um cadáver! Tu não pesaste sobre a terra: a terra te seja leve!*

L. UHLAND

I

De tanta inspiração e tanta vida  
Que os nervos convulsivos inflamava  
E ardia sem conforto.. .  
O que resta? uma sombra esvaecida,  
Um triste que sem mãe agonizava...  
Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura.  
Frias na frente as ilusões—no peito  
Quebrado o coração!  
Nem saudades levar da vida impura  
Onde arquejou de fome...sem um leito!  
Em treva e solidão!

Tu foste como o sol; tu parecias  
Ter na aurora da vida a eternidade  
Na larga frente escrita...  
Porém não voltarás como surgias!  
Apagou-se teu sol da mocidade  
Numa treva maldita!

Tua estrela mentiu. E do fadário  
De tua vida a página primeira  
Na tumba se rasgou...  
Pobre gênio de Deus, nem um sudário!  
Nem túmulo nem cruz! como a caveira

Que um lobo devorou! . . .

II

Morreu um trovador—morreu de fome.  
Acharam-no deitado no caminho:  
Tão doce era o semblante! Sobre os lábios  
Flutuava-lhe um riso esperançoso.  
E o morto parecia adormecido.

Ninguém ao peito recostou-lhe a fronte  
Nas horas da agonia! Nem um beijo  
Em boca de mulher! nem mão amiga  
Fechou ao trovador os tristes olhos!  
Ninguém chorou por ele... No seu peito  
Não havia colar nem bolsa d'ouro;  
Tinha até seu punhal um férreo punho...  
Pobretão! não valia a sepultura!

Todos o viam e passavam todos.  
Contudo era bem morto desde a aurora.  
Ninguém lançou-lhe junto ao corpo imóvel  
Um ceutil para a cova!...nem sudário!

O mundo tem razão, sisudo pensa,  
E a turba tem um cérebro sublime!  
De que vale um poeta—um pobre louco  
Que leva os dias a sonhar—insano  
Amante de utopias e virtudes  
E, num tempo sem Deus, ainda crente?

A poesia é de cerco uma loucura,  
Sêneca o disse, um homem de renome.  
É um defeito no cérebro... Que doudos!  
É um grande favor, é muita esmola  
Dizer-lhes bravo! à inspiração divina,  
E, quando tremem de miséria e fome,  
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...  
Quando é gelada a fronte sonhadora,  
Por que há de o vivo que despreza rimas  
Cansar os braços arrastando um morto,  
Ou pagar os salários do coveiro?  
A bolsa esvazia por um misérrimo  
Quando a emprega melhor em lodo e vício!

E que venham aí falar-me em Tasso!  
Culpar Afonso d'este—um soberano!—  
Por que não lhe dar a mão da irmã fidalga!  
Um poeta é um poeta—apenas isso:  
Procure para amar as poetisas!

Se na Franca a princesa Margarida,  
De Francisco Primeiro irmã formosa,  
Ao poeta Alain Chartier adormecido  
Deu nos lábios um beijo, é que esta moça,  
Apesar de princesa, era uma douda,

E a prova é que também rondós fazia.  
Se Riccio o trovador obteve amores  
—Novela até bastante duvidosa—  
Dessa Maria Stuart formosíssima,  
É que ela—sabe-o Deus!—fez tanta asneira,  
Que não admira que um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horácio.  
Namorou algum dia uma parenta  
Do patrono Mecenas? Parasita,  
Só pedia dinheiro—no triclínio  
Bebia vinho bom—e não vivia  
Fazendo versos às irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido  
Um olho na batalha e ser valente,  
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,  
Por fazer umas trovas de vadio,  
Deveriam lhe dar, além de glória  
—E essa deram-lhe à farta—algun bispado,  
Alguma dessas gordas sinecuras  
Que se davam a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos.  
O mundo não avança por cantigas.  
Creiam do poviléu os trovadores  
Que um poeta não val meia princesa.

Um poema contudo, bem escrito,  
Bem limado e bem cheio de tetéias,  
Nas horas do café lido fumando,

Ou no campo, na sombra do arvoredado,  
Quando se quer dormir e não há sono,  
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe dali do vate a mente.  
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras!  
Faublas tem mais leitores do que Homero...

Um poeta no mundo tem apenas  
O valor de um canário de gaiola...  
É prazer de um momento, é mero luxo.  
Contente-se em traçar nas folhas brancas

De um Álbum da moda umas quadrinhas.  
Nem faça apelações para o futuro.  
O homem é sempre o homem. Tem juízo:  
Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem há negá-lo—não há doce lira  
Nem sangue de poeta ou alma virgem  
Que valha o talismã que no oiro vibra!  
Nem músicas nem santas harmonias  
Igualam o condão, esse eletrismo,  
A ardente vibração do som metálico...

Meu Deus! e assim fizeste a criatura?  
Amassaste no lodo o peito humano?  
Ó poetas, silencio! é este o homem?  
A feitura de Deus a imagem dele!  
O rei da criação!...

Que verme infame!  
Não Deus, porém Satã no peito vácuo  
Uma corda prendeu-te—o egoísmo!  
Oh! miséria, meu Deus! e que miséria!

### III

Passou El-Rei ali com seus fidalgos.  
Iam a degolar uns insolentes  
Que ousaram murmurar da infâmia régia,  
Das nódoas de uma vida libertina!  
Iam em grande gala. O Rei cismava  
Na glória de espetar no pelourinho  
A cabeça de um pobre degolado.  
Era um rei bon-vivant, e rei devoto;  
E, como Luís XI, ao lado tinha  
O bobo, o capelão e seu carrasco.

O cavalo do Rei, sentindo o morto,  
—Trêmulo de terror parou nitrindo.  
Deu d'esporas leviano o cavaleiro  
E disse ao capelão:

"E não enterram  
Esse homem que apodrece, e no caminho  
Assusta-me o corcel?"  
Depois voltou-se

E disse ao camarista de semana:  
"Conheces o defunto? Era ainda moço.  
Faria certamente um bom soldado.  
A figura é esbelta! Forte pena!

Podia bem servir para um laçao."

Descoberto, o faceiro fidalgo  
Responde-lhe fazendo a cortesia:  
"Pelas tripas do Papa! eu não me engano,  
Leve-me Satanás se este defunto  
Ontem não era o trovador Tancredo!"

"Tancredo"! murmurou erguendo os óculos  
Um anfíbio, um barbaças truanesco.

Alma de Tribouler, que além de bobo  
Era o vate da corte—bem nutrido,  
Farto de sangue, mas de veia pobre,  
Caídos beijos, volumoso abdômen,  
Grisalha cabeleira esparramada,  
Tremendo narigão, mas testa curta;  
Em suma um glosador de sobremesas.

"Tancredo!—repetiu imaginando—  
Um asno! só cantava para o povo!  
Uma língua de fel, um insolente!  
Orgulho desmedido...e quanto aos versos  
Morava como um sapo n'água doce. . .  
Não sabia fazer um trocadilho..."

O rei passou—com ele a companhia.  
Só ficou ressupino e macilento  
Da estrada em meio o trovador defunto.

#### IV

Ia caindo o sol. Bem reclinado  
No vagaroso coche madornando,  
Depois de bem jantar fazendo a sesta,  
Roncava um nédio, um barrigudo frade:  
Bochechas e nariz, em cima uns óculos,  
Vermelho solidéu... enfim um bispo,  
E um bispo, senhor Deus! da idade média,  
Em que os bispos—como hoje e mais ainda—  
Sob o peso da cruz bem rubicundos,  
Dormindo bem, e a regalar bebendo,  
Sabiam engordar na sinecura;  
Papudos santarrões, depois  
Missa Lançando ao povo a bênção—por dinheiro!

O cocheiro ia bêbado por certo;  
Os cavalos tocou pelo bom caminho  
Mesmo em cima das pernas do cadáver.  
Refugou a parelha, mas o sota

—Que ao sol da glória episcopal enchia  
De orgulho e de insolência o couro inerte,  
Cuspindo o poviléu, como um fidalgo—  
Que em falta de miolo tinha vinho  
Na cabeça devassa, deu de esporas:  
Como passara sobre a vil carniça  
Reléu de corvos negros—foi por cima. . .  
Mas desgraça! maldito aquele morto!  
Desgraça!... não porque pisasse o coche  
Aqueles magros ossos, mas a roda  
Na humana resistência deu estalo. . .  
E acorda o fradalhão...

"O que se sucede?  
—Pergunta bocejando: É algum bêbado?  
Em que bicho pisaram?"

"Senhor bispo"  
Diz o servo da Igreja, o bom cocheiro  
Ao vigário de Cristo, ao santo Apóstolo  
Isto é—dessa fidalga raça nova  
Que não anda de pé como S. Pedro,  
Nem estafa os corcéis de S. Francisco:  
"Perdoe Vossa Excelência Eminentíssima;  
É um pobre diabo de poeta,  
Um homem sem miolo e sem barriga  
Que lembrou-se de vir morrer na estrada!"

"Abrenúncio! —rouqueja o Santo Bispo—  
Leve o Diabo essa tribo de boêmios!  
Não há tanto lugar onde se morra?  
Maldita gente! inda persegue os Santos  
Depois que o Diabo a leva!..."  
E foi caminho.

Leve-te Deus! Apóstolo da crença,  
Da esperança e da santa caridade!  
Tu, sim, és religioso e nos altares  
Vem cada sacristão, e cada monge  
Agitar a teus pés o seu turíbulo!  
E o sangue do Senhor no cálix d'ouro  
Da turba na oração te banha os lábios  
Leve-te Deus, Apóstolo da crença!  
Sem padres como tu que fora o mundo?  
É por ti que o altar apóia o trono!  
E teu olhar que fertiliza os vales  
Fecunda a vinha santa do Messias!  
Leve-te Deus ou leve-te o Demônio!



V

Caiu a noite, do azulado manto,  
Como gotas de orvalho, sacudindo  
Estrelas cintilantes.—Veio a lua  
Banhando de tristeza o céu noturno:  
Derrama aos corações melancolia,  
Derrama no ar cheiroso molemente  
Cerúlea chama, dia incerto e pálido  
Que ao lado da floresta ajunta as sombras  
E lança pelas águas da campina  
Alvacentos clarões que as flores bebem.  
A galope, de volta do noivado,  
Passa o Conde Solfier, e a noiva Elfrida.  
Seguem fidalgos que o sarau reclama.

ELFRIDA

—Não vês, Solfier, ali da estrada em meio  
Um defunto estendido?—

SOLFIER

—Ó minha Elfrida,  
Voltemos desse lado: outro caminho  
Se dirige ao castelo. É mau agouro  
Por um morto passar em noites destas.  
Mas Elfrida aproxima o seu cavalo.

ELFRIDA

—Tancredo vede! é o trovador Tancredo!  
Coitado! assim morrer! um pobre moço!  
Sem mãe e sem irmã! E não o enterram?  
Neste mundo não teve um só amigo?—

"Ninguém, senhora—respondeu da sombra  
Uma dorida voz—Eu vim, há pouco,  
Ao saber que do povo no abandono  
Jazia como um cão. Eu vim, e eu mesmo  
Cavei junto do lago a cova impura."

ELFRIDA

—Tendes um coração. Tomai, mancebo,  
Tomai essa pulseira Em oiro e jóias  
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento,  
E para longas missas lhe dizerem  
Pelo repouso d'alma...

O moço riu-se.

### O DESCONHECIDO

—Obrigado. Guardai as vossas jóias.  
Tancredo o trovador morreu de fome;  
Passaram-lhe no corpo frio e morto,  
Salpicaram de lodo a face dele,

Talvez cuspissem nesta fronte santa  
Cheia outrora de eternas fantasias,  
De idéias a valer um mundo inteiro!...  
Por que lançar esmolas ao cadáver?  
Leva-as, fidalga—tuas jóias belas!

O orgulho do plebeu as vê sorrindo.  
Missas... bem sabe Deus se neste mundo  
Gemeu alma tão pura como a dele!  
Foi um anjo, e murchou-se como as flores,  
Morreu sorrindo como as virgens morrem!  
Alma doce que os homens enjeitaram,  
Lírio que profanou a turba imunda,  
Oh! não te mancharei nem a lembrança  
Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo,  
És o templo deserto, onde habitava  
O Deus que em ti sofreu por um momento!  
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços:  
Na cova negra dormirás tranqüilo...  
Tu repousas ao menos!...

No entanto sofrendo a custo a raiva,  
Mordendo os lábios de soberba e fúria,  
Solfier da bainha arranca a espada,  
Avança ao moço e brada-lhe:

"Insolente!  
Cala-te, doudo! Cala-te, mendigo!  
Não vês quem te falou? Curva o joelho,  
Tira o gorro, vilão!"

### O DESCONHECIDO

—Tu vês: não tremo.  
Tu não vales o vento que salpica  
Tua fronte de pó. Porque és fidalgo,  
Não sabes que um punhal vale uma espada  
Dentro do coração?—

Mas logo Elfrida:  
"Acalma-te, Solfier! O triste moço

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

